

GRANDES OBRAS DA CULTURA UNIVERSAL

VOL. 16

Tradução  
DAVID JARDIM JÚNIOR

Capa  
MARTIN TAPEREIRA

VILLA RICA EDITORAS REUNIDAS LIMITADA  
BELO HORIZONTE

Rua São Geraldo, 53 — CEP 30150-070 — Tel.: 222-8630

FAX: 224-5151

RIO DE JANEIRO

Rua Benjamin Constant, 118 — CEP 20241-150 — Tel.: 252-8327

JACOB E WILHELM GRIMM

CONTOS  
DE  
GRIMM



VILLA RICA

Belo Horizonte — Rio de Janeiro

1994

1994

---

Direitos de Propriedade Literária adquiridos pela  
VILLA RICA EDITORAS REUNIDAS LIMITADA  
Belo Horizonte — Rio de Janeiro

---

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL

## SUMÁRIO

1. BICHO PELUDO — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	11
2. CINDERELA — <i>Ilustrado por Gustave Doré</i> . . . . .	19
3. O IRMÃO E A IRMÃ — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	29
4. O BANDO DE MALTRAPILHOS — <i>Ilustrado por Karl Appold</i> . . . . .	37
5. O ESTRANHO MÚSICO . . . . .	41
6. O ALFAIATEZINHO VALENTE — <i>Ilustrado por Wilhelm von Dietz</i> . . . . .	44
7. AS VIAGENS DO PEQUENO POLEGAR . . . . .	57
8. O VELHO E SEU NETO — <i>Ilustrado por Grot Johan e Robert Leinweber</i> . . . . .	61
9. O POBRE MOLEIRINHO E A GATA — <i>Ilustrado por um artista anônimo</i> . . . . .	63
10. O POBRE E O RICO — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	68
11. A TERRA DE COCANHA — <i>Ilustrado por Ludwig Richter</i> . . . . .	74
12. AS TRÊS FIANDEIRAS . . . . .	76
13. FREDERICO E CATARINA — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	79
14. O REI SAPO OU HENRIQUE DE FERRO — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	89
15. O GÊNIO DA GARRAFA — <i>Ilustrado por Grot Johan e Robert Leinweber</i> . . . . .	96
16. A AVE DE OURO — <i>Ilustrado por Walter Crane</i> . . . . .	102
17. O ENIGMA . . . . .	111
18. O COELHO E O PORCO-ESPINHO — <i>Ilustrado por Johann Peter Lyser</i> . . . . .	114
19. O CÃO E O PARDAL — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	121
20. O RATO, O PÁSSARO E O CHOURIÇO . . . . .	127
21. O JUDEU ENTRE OS ESPINHOS — <i>Ilustrado por Hermann Scherenberg</i> . . . . .	129

16.  
A AVE DE OURO

Era uma vez um Rei que tinha atrás de seu palácio um lindo parque de recreio, no qual crescia uma árvore que dava frutos de ouro. Quando aquelas maçãs de ouro amadureciam, eram contadas, mas sempre, na manhã seguinte, uma delas havia desaparecido.

Chegando tal fato ao conhecimento do Rei, ele ordenou que fosse mantido um vigia embaixo da árvore todas as noites.

O Rei tinha três filhos, o mais velho dos quais foi mandado para o parque mal anoiteceu. À meia-noite, porém, ele não pôde resistir ao sono, e adormeceu; na manhã seguinte uma das maçãs desaparecera, como de costume.

Na noite seguinte, o segundo filho do Rei foi tomar conta da árvore, mas não teve mais sorte que o irmão mais velho. Logo que os relógios marcaram meia-noite, ele caiu num sono profundo e, quando acordou, a fruta havia desaparecido.

Chegou, assim, a vez do terceiro filho montar guarda. Ele se mostrou plenamente disposto a cumprir a missão, mas o Rei não tinha muita confiança nele, e achava que o seu desempenho seria ainda pior do que o dos irmãos. Afinal, porém, deixou-o ir. O príncipe ficou bem atento embaixo da árvore, e conseguiu vencer o sono. Quando deu meia-noite, ouviu um farfalhar de asas e, ao luar, viu uma ave cujas penas reluziam, cobertas de ouro. Ela havia pousado na árvore e acabara de bicar uma fruta, quando o jovem príncipe atirou uma seta contra ela. A ave conseguiu voar, mas a seta atingira-lhe a plumagem e uma das penas douradas caiu no chão. O príncipe apanhou-a e, na manhã seguinte, levou-a ao Rei e contou-lhe o que vira durante a noite.

O Rei reuniu o seu conselho, e a opinião unânime dos conselheiros foi a de que uma só pena igual àquela valia mais do que o reino inteiro.

— Se a pena é assim tão preciosa, a ave inteira tem de ser muito mais! — exclamou o Rei. — Assim sendo, não posso me contentar com a pena. Quero toda a ave!

O filho mais velho, muito confiante em sua capacidade, saiu para procurar a Ave de Ouro. Depois de ter viajado durante algum tempo, viu uma raposa, parada na beira de um bosque, e apontou a sua arma para matá-la.

— Não me mates! — exclamou a raposa. — Em compensação dar-te-ei alguns bons conselhos. Estás no caminho que leva até a Ave de Ouro, e hoje à noite chegarás a uma aldeia onde ficam duas estalagens, uma em frente da outra. Uma delas é muito bem iluminada e dentro dela reina grande animação. Não a procures, porém. Prefira a outra, embora pareça muito pior.

“Como é que um bicho destes pode ser capaz de dar um bom conselho?” pensou o filho do rei.

E disparou a arma. Errou o tiro, porém, e a Raposa, estendendo a cauda, correu para o interior do bosque.

O príncipe seguiu viagem e, à noite, chegou a uma aldeia onde havia duas estalagens, uma repleta de cantos e danças e a outra muito pobre, feia e triste.

“Só mesmo se eu fosse um completo idiota é que iria ficar naquela hospedaria horrorosa em vez de ficar na boa”, pensou o príncipe.

Dito e feito. Entrou na hospedaria alegre, divertiu-se a valer, e se esqueceu da ave e de seu pai, e de todos os bons conselhos.

Tendo se passado muitos meses, sem que o filho mais velho voltasse, o segundo filho partiu em procura da Ave de Ouro. Encontrou a raposa, como o irmão mais velho encontrara, e ela lhe deu o bom conselho, que ele também não levou a sério. Chegou diante das duas hospedarias da aldeia, e seu irmão se encontrava à janela da alegre e barulhenta, e o chamou. Ele não se fez de rogado para entrar e viver se divertindo de manhã à noite.

O tempo passou sem que o segundo irmão também voltasse, e o irmão caçula quis partir para ver se tinha sorte.

Seu pai, porém, não queria permitir tal coisa.

— Não adiantará — disse. — Se os irmãos não encontraram a Ave de Ouro, ele é que não irá encontrá-la de modo algum. E se surgir alguma dificuldade, não será capaz de enfrentá-la. Tenho de admitir que a sua inteligência não é das mais brilhantes.

Afinal, contudo, diante da insistência, acabou cedendo. E o jovem príncipe partiu.



Como das outras vezes, a Raposa se encontrava à beira do bosque, pediu misericórdia e deu um bom conselho. O caçula tinha boa índole, e disse:

— Sossega, raposinha, não vou te matar.

— Não vais te arrepender — disse a raposa. — E, se queres chegar mais depressa, trepa na minha cauda.

Mal havia o jovem sentado na cauda da raposa, esta disparou numa louca corrida e não tardaram a chegar à aldeia. O príncipe apeou e, seguindo o conselho que recebera, sequer olhou para a bela estalagem e foi se hospedar na outra, onde passou uma noite tranquila.

Na manhã seguinte prosseguiu viagem e logo que chegou ao campo aberto, tornou a encontrar a raposa, que, mais uma vez, lhe dirigiu a palavra:

— Vou continuar a dizer-te o que deves fazer. Siga sempre em frente, e afinal encontrarás um castelo, diante do qual estará estendido um regimento inteiro de soldados. Não te preocupes, porém, pois todos eles estarão dormindo e roncando. Passa entre eles e entra no castelo. Atravessa todos os aposentos até chegares ao último, uma sala onde a Ave de Ouro se encontra em uma gaiola de madeira. Junto dela, verás uma gaiola de ouro, mas de modo algum tires a ave da gaiola feia e ponhas na bonita, pois enfrentará grandes dificuldades.

Ditas estas palavras, a raposa estendeu a cauda, o filho do Rei sentou-se nela e os dois saíram em disparada, até chegarem ao castelo.

Tudo ali estava de acordo com o que a raposa dissera. O filho do Rei chegou até o aposento onde a Ave de Ouro se encontrava presa em uma gaiola de madeira, bem perto de uma linda gaiola de ouro, vazia; também se encontravam no aposento as três maçãs de ouro.

“Afinal de contas”, pensou “seria um absurdo se eu fosse deixar esta ave tão bela em uma gaiola tão ordinária e tão feia”.

Assim, tirou a ave da gaiola de madeira e colocou-a na gaiola de ouro. No mesmo momento, porém, a ave deu um grito estridente. Os soldados acordaram e levaram o jovem para a prisão. No dia seguinte, compareceu perante um tribunal e, como confessou tudo, foi condenado à morte.

O Rei, contudo, prometeu comutar a pena e salvar-lhe a vida, se ele lhe trouxesse o Cavalo de Ouro, que galopava mais depressa do que o vento. Se conseguisse tal coisa, além de ter salva a sua vida, também receberia como recompensa a Ave de Ouro.

O príncipe, é claro, aceitou a proposta e saiu em busca do tal Cavalo de Ouro, mas, na verdade, de todo desanimado. Não tinha a menor idéia de onde poderia encontrá-lo. Não tardou, porém, a se encontrar com sua amiga raposa, que estava de pé, à margem da estrada.

— Vê só — disse a raposa. — Isso aconteceu porque não seguiste a minha recomendação. Não desanimes, contudo. Vou ajudar-te e dizer-te como poderás encontrar o Cavalo de Ouro. Segue sempre em frente e chegarás a um castelo em cuja cocheira se encontra o cavalo. Os palafreiros estarão diante da estrebaria, mas estarão dormindo e roncando e poderás tranquilamente chegar até o Cavalo de Ouro. Não te esqueças, porém, de uma coisa: perto do cavalo verás uma sela de couro ordinário, muito feia, e uma outra de ouro; arrea o cavalo com a sela ordinária, ou, do contrário, irás te arrepender.

Ditas estas palavras, a raposa estendeu a cauda, na qual o príncipe se sentou, e partiu em desabalada corrida. O resto se passou como a raposa previra, mas, quando o príncipe ia arrear o cavalo com a sela ordinária, pensou:

“Pôr uma sela tão feia em um cavalo tão bonito é, certamente, um absurdo. A outra sela é que lhe convém.”

E, se assim pensou, melhor fez. No mesmo instante, porém, o cavalo começou a relinchar a toda altura. Os palafreiros acordaram e o príncipe foi levado para a prisão e, na manhã seguinte, condenado à morte. O Rei, por seu lado, prometeu perdô-lo e dar-lhe o Cavalo de Ouro, se ele conseguisse trazer a linda princesa do Castelo de Ouro.

Feliz por ter escapado da morte, mas triste porque não sabia como chegar ao tal Castelo de Ouro, o príncipe partiu e, como das outras vezes, encontrou a raposa pouco tempo depois.

— Na verdade — disse ela — eu deveria te deixar entregue à tua própria sorte, depois das tolices que fizeste. Mas tenho dó de ti e vou te dar outra oportunidade. Esta estrada vai diretamente ao Castelo de Ouro. À noite, quando tudo estiver tranquilo, a linda princesa irá ao balneário, para tomar banho. Quando ela entrar ali, corre atrás dela e dá-lhe um beijo; ela se disporá, então, a acompanhar-te. Não permitas, contudo, que ela se despeça de seus pais, pois, do contrário, irás te arrepender.

E, ditas estas palavras, a raposa estendeu a cauda, na qual o príncipe se sentou, e partiu em desabalada corrida até o castelo. O jovem esperou até meia-noite, quando reinava total silêncio e tranquilidade, e então a linda princesa se dirigiu ao balneário. Ele alcançou-a e deu-lhe um beijo. Ela disse, então, que estava disposta a acompanhá-lo, a partir em sua companhia, mas pediu-lhe, encarecidamente, com lágrimas nos olhos, que permitisse que, antes, ela se despedisse de seus pais. A princípio, ele se negou a atendê-la, mas quando a viu chorando cada vez mais e até se ajoelhando aos seus pés, não pôde resistir mais. Mal, porém, a princesa chegou ao quarto de seu pai, este e todas as demais pessoas que se encontravam no castelo acordaram, e o jovem foi apanhado e levado para a prisão.

Na manhã seguinte, o Rei lhe disse:

— Estás condenado à morte e somente terás mercê se, dentro de oito dias, derrubares o morro que se ergue diante de minhas janelas, impedindo que eu veja o horizonte além dele. Se conseguires isso, dar-te-ei minha filha em casamento.

O príncipe, munido de uma picareta e de uma pá, trabalhou desesperadamente para demolir o morro, mas, no fim de sete dias, quando constatou que pouco tinha feito, foi tomado pelo mais completo desânimo: era de todo impossível ser bem sucedido. Ao anoitecer daquele sétimo dia, contudo, apareceu a raposa e lhe disse:

— Realmente, não mereces que eu me interesse por ti, mas vai dormir. Farei o serviço para ti.

No dia seguinte, quando o príncipe acordou e olhou pela janela, o morro havia desaparecido. Alegríssimo, ele correu a anunciar o fato ao Rei, que, satisfeito ou não, teve de cumprir sua palavra e deu-lhe a mão da princesa.

Os dois partiram juntos e dentro de pouco tempo a fiel raposa foi ter com eles.

— Dessa vez, sem dúvida, acabaste te saindo bem — disse ela ao príncipe. — Mas o Cavalo de Ouro também pertence à donzela do Castelo de Ouro.

— Como conseguirei? — perguntou o jovem príncipe.

— Vou explicar-te — disse a raposa. — Em primeiro lugar, leve a linda donzela ao Rei que te mandou ao Castelo de Ouro. Isso provocará um indizível regozijo. De boa vontade dar-te-ão o Cavalo de Ouro. Monta nele o mais depressa que puderes e estende a mão para te despedires de todos, em último lugar para a linda donzela. Quando lhe apertares a mão, levanta-a até o cavalo e parte a galope, que ninguém te alcançará, pois o cavalo é mais veloz do que o vento.

Tudo correu satisfatoriamente, e o filho do Rei levou a linda Princesa no Cavalo de Ouro.

A Raposa continuou em ação e disse-lhe:

— Agora, vou ajudar-te a ficar com a Ave de Ouro. Quando te aproximares do castelo onde se encontra a Ave de Ouro, faze com que a donzela apeie, e eu tomarei conta dela. Leva, então, o Cavalo de Ouro para o pátio do castelo, onde haverá grande regozijo com o seu aparecimento. Irão buscar, então, a Ave de Ouro para recompensar-te. Quando pegares a gaiola, galopa até aqui e levarás a donzela contigo de novo.

O plano foi de todo bem sucedido e, quando o príncipe viajava de regresso à pátria, levando os seus tesouros, a Raposa disse-lhe:

— Agora, terás de recompensar-me pela ajuda que te prestei.

— O que queres que eu faça? — perguntou o jovem.

— Quando chegares àquele bosque ali adiante, mata-me com um tiro e corte a minha cabeça e as minhas patas — respondeu a raposa.

— Que belo modo de mostrar gratidão! — exclamou o príncipe. — Não posso fazer tal coisa!

— Se não fizeres isso, tenho de deixar-te, mas, antes de partir, vou te dar um conselho — disse a raposa. — Tem muito cuidado com duas coisas. Não compres carne da força e não sentes à beira de um poço.

E, ditas estas palavras, a raposa correu para o interior do bosque.

“Que esquisitice!”, pensou o jovem príncipe. “Quem é que haveria de comprar carne de força? E jamais na minha vida tive idéia de sentar-me à beira de um poço”.

Continuou a viajar em companhia da linda donzela, e o caminho que seguia levou-o à aldeia onde seus dois irmãos tinham ficado. Havia ali grande agitação e, quando ele indagou do que se tratava, foi informado de que dois homens iam ser enforcados. Quando se aproximou do lugar da





execução, viu que se tratava de seus dois irmãos, que tinham se metido em toda espécie de falcatruas e perdido tudo que possuíam.

O príncipe indagou se eles não poderiam ser libertados.

— Se pagasses os prejuízos que eles deram, eles seriam libertados — informaram. — Mas por que haverias de perder o teu dinheiro para salvares uns sujeitos tão ordinários?

O príncipe, porém, não pensou duas vezes. Pagou tudo, os irmãos foram libertados e todos juntos prosseguiram viagem.

Chegaram ao bosque onde pela primeira vez a raposa os havia encontrado. O dia estava quente, mas dentro do bosque a temperatura era muito mais fresca e o ambiente muito agradável.

— Vamos descansar um pouco junto do poço e comeremos e bebermos alguma coisa — propuseram os irmãos.

O nosso príncipe concordou, e sentou-se na beira do poço, sem se lembrar do conselho da raposa. Mas os dois irmãos o atiraram no poço, traiçoeiramente, pelas costas, e levaram consigo a donzela, o Cavalo e a Ave, e voltaram ao palácio de seu pai.

— Trouxemos não somente a Ave de Ouro, como também o Cavalo de Ouro e a jovem do Castelo de Ouro — anunciaram.

Houve um grande regozijo, mas o Cavalo não quis comer, a Ave não quis cantar e a donzela não parou de chorar.

O irmão caçula, porém, não morrera. Por sorte, o poço estava seco e ele caiu em um leito macio de musgos que se formara no fundo, sem qualquer ferimento. Não conseguiu, todavia, sair de lá. Mesmo em tais circunstâncias a fiel raposa não o abandonou. Pulou para junto dele, censurando-o por não ter seguido os seus conselhos.

— Não vou desistir, porém — acrescentou. — Vou ajudar-te de novo.

Mandou que ele agarrasse a sua cauda e arrastou-o para fora do poço.

— Ainda não estás livre do perigo — advertiu. — Teus irmãos não têm certeza de tua morte e mandaram cercar o bosque por apaniguados seus, que têm ordem de matar-te, se apareceres.

O jovem, contudo, trocou a sua roupa com as de um mendigo que estava sentado à beira da estrada, e conseguiu chegar ao palácio do Rei seu pai.

Ninguém o reconheceu, mas o pássaro começou a cantar, o Cavalo começou a comer e a donzela parou de chorar.

— O que quer dizer isso? — perguntou o Rei.

— Não sei — disse a donzela. — Mas eu me sentia tão triste e agora me sinto tão feliz! Tenho a impressão de que meu verdadeiro noivo chegou.

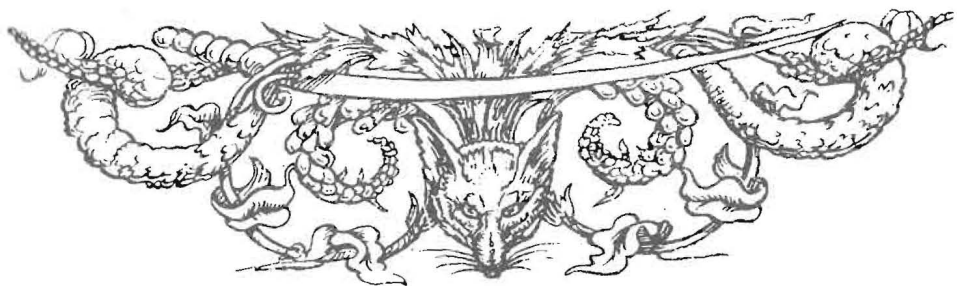
E contou, então, tudo que acontecera, embora os outros irmãos a tivessem ameaçado de morte se ela revelasse o seu segredo.

O Rei ordenou que todas as pessoas que se encontravam no castelo fossem levadas à sua presença, e entre elas apareceu o jovem príncipe vestido de farrapos. A donzela, no entanto, o reconheceu, e se atirou em seus braços. Os irmãos perversos foram presos e executados. O caçula se casou com a linda donzela e foi proclamado herdeiro da Coroa.

O que aconteceu, porém, com a pobre Raposa? Muito tempo depois, quando o príncipe se encontrava de novo caminhando pelo bosque, encontrou com a raposa, que lhe disse:

— Agora, estás de posse de tudo que poderias desejar, enquanto eu continuo entregue ao meu sofrimento, e, no entanto, tens o poder de me libertar.

E de novo, chorando, implorou-lhe que a matasse e cortasse a sua cabeça e as suas patas. O príncipe satisfez-lhe a vontade, e mal acabara de executar a incumbência, a Raposa se transformou em um homem, que não era outro senão o irmão da bela princesa, finalmente livre de um encantamento que lhe fora imposto. E, de então para diante, todos viveram tranquilos e felizes.



## 17. O ENIGMA

Era uma vez um príncipe que, tomado do desejo de viajar através do mundo, levou consigo um criado muito fiel, e partiu. Certo dia, chegou a uma grande floresta e, quando anoiteceu, não viu por perto um abrigo onde pudesse pernoitar. Afinal, avistou uma mulher que se dirigia a uma casa pequena e modesta e, quando se aproximou, viu que se tratava de uma jovem muito bonita.

— Senhorita — disse ele — eu e meu criado poderemos pernoitar nessa casa?

— Podeis — respondeu a jovem. — Mas eu não vos aconselharia.

— Por quê? — perguntou o príncipe.

Dando um suspiro, a jovem respondeu:

— Minha madrastra pratica a magia negra. E não gosta de estranhos.

O príncipe percebeu que chegara à casa de uma feiticeira, mas já estava muito escuro para ir adiante. E, como também era corajoso, ele entrou.

A velha estava sentada em uma poltrona junto do fogo, e olhou os recém-chegados com visível hostilidade.

— Boa-noite — resmungou, fingindo amabilidade. — Sentai-vos e descansai.

Em seguida, ela atizou o fogo, onde estava cozinhando algo em uma panelinha. A moça advertiu os hóspedes que não seria prudente comer ou beber coisa alguma, pois a velha costumava misturar seus filtros com as comidas e bebidas. Os dois dormiram tranquilamente até a manhã seguinte.

Quando já estavam prontos para partir, o príncipe já montado a cavalo, a velha disse:

— Esperai um pouco. Quero primeiro vos oferecer uma bebida.